GALERIA | DO | PARQUE

O HORROR, O HUMOR E O ABSURDO

Darks Miranda
Flávia Metzler
Ivan Cardoso
Yuli Yamagata

CURADORIA **JOSÉ AUGUSTO RIBEIRO**

28 MAR – 28 JUN

O horror, o humor e o absurdo

O terror e a comédia nem sempre são levados a sério. Mais comum talvez seja o prejulgamento dos dois como formas "menores". Entre outros motivos, por contrariarem ideais de uma suposta "alta" cultura para a qual a tragédia, o realismo e o drama corresponderiam a gêneros de profundidade, complexidade e elevação. O riso e o medo, não: reações físicas e imediatas, sinalizariam, nessa comparação, obras "menos intelectuais", afeitas a superficialismos e facilidades, próprias ao "gosto popular", tomado, por sua vez, em chave negativa. Esse esquema interpretativo não raro é aplicado em análises sobre literatura, teatro, cinema e artes visuais.

A exposição *O horror, o humor e o absurdo* vai na contramão desses pressupostos. Reúne um conjunto específico de trabalhos, realizados nos últimos 45 anos, por quatro artistas de gerações diferentes e que lidam com processos de produção também diferentes: Darks Miranda, Flávia Metzler, Ivan Cardoso e Yuli Yamagata. A ideia da curadoria é examinar como, em parte da arte recente no Brasil, a junção de terror e comicidade produz resultados com força de insubordinação: tanto no enfrentamento das aparências, lógicas e normas que regem, o estado das coisas no mundo, quanto na elaboração de linguagens que ultrapassam limites entre categorias, gêneros e manifestações artísticas.

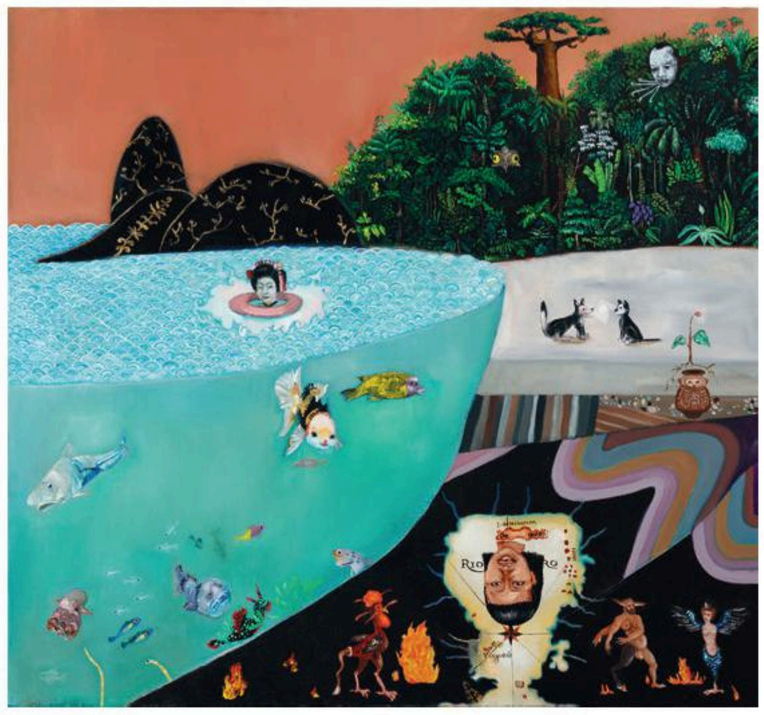
A mostra compõe-se, assim, de pinturas, esculturas, relevos e filmes, que, na sua variedade de formatos e materialidades, são igualmente inventivos e imaginativos. Juntos, esses trabalhos estendem, no espaço da exposição, um ambiente de mistério, diversão, prazer e erotismo. Articulam um universo de fragmentos e, ao que tudo indica, em transformação – precipitado em meio a descobertas, fenômenos difíceis de explicar e transmutações: entre pedaços de corpos humanos e animais, entre braços, pés, ossos, dentes e globos oculares que são também pérolas, ou são também peitos, ou que surgem envolvidos por uma língua; entre um diabo, uma múmia, vampiras, esqueletos e monstros; em meio a substâncias gosmentas, elixires, sangue e magma de vulcões; enquanto assistimos a eventos astronômicos desde uma



IVAN CARDOSO
O SEGREDO DA MÚMIA (*STILL*), 1982
FOTO: CORTESIA DO ARTISTA

ilha deserta e artificial, sem que seja possível adivinhar se aquilo já foi ou será, se é o começo de alguma coisa ou o fim de tudo.

FLÁVIA METZLER
MAR DO SEIO, 2020
ÓLEO SOBRE TELA
FOTO: JAIME ACIOLI



Os trabalhos desorganizam, mesmo, as emoções e os regimes de sensibilidade. Questionam hierarquias culturais e rompem contratos, com irreverência, delírio e ânimo construtivo. Concepções como as de originalidade e cópia, natureza e artifício, tornam-se voláteis. O mal que está implícito no terror afugentar as boas intenções da cena de arte contemporânea. E a comédia que prevalece aqui resulta de desencantos, com apreço pelo gótico. Daí as imagens e os objetos que transformam o medo em riso, o riso em estranhamento, e assim por diante. Daí também as oscilações entre o plano bidimensional e o campo tridimensional; entre atração e repulsa, entre o sublime e o fajuto, o risível e o abjeto, o trivial e o espanto; entre a narração de um acontecimento, a figuração de uma alegoria e a literalidade dos materiais.

No centro da mostra, estão o cinema e a colagem. Não apenas porque a seleção conta com trabalhos do cineasta Ivan Cardoso, o "mestre do terrir", mas também porque a linguagem fílmica informa, de maneiras variadas, a produção das demais artistas. Darks Miranda, por exemplo, chega às artes visuais depois de experiências profissionais como montadora de cinema. E um de seus trabalhos apresentados aqui é, justamente, uma colagem, um "cinema de segunda mão", um filme de apropriações

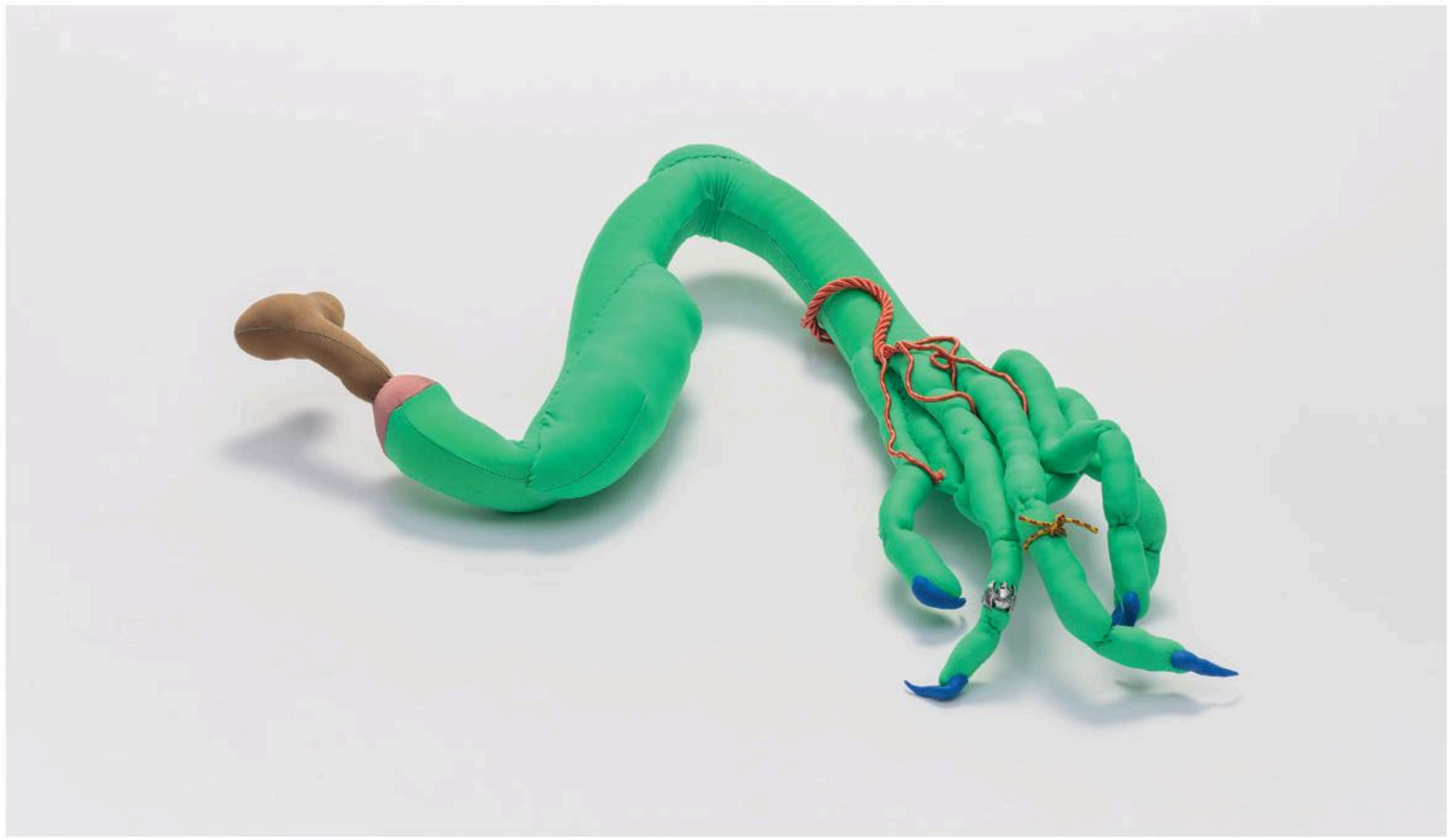
– *Uma noite perigosa na ilha de Vulcano* (2022) –, editado a partir de trechos de ficções científicas produzidas no mundo todo, entre 1950 e 1980, no auge da Guerra Fria.

Em suas pinturas, Flávia Metzler também monta e constrói cenas – nas quais tudo atua, o tempo todo: os seres, os objetos, o espaço. Volta e meia a artista faz referências diretas ao cinema, assim como, na organização de suas imagens, Metzler lança mão de saberes sobre enquadramentos e a geração de suspense. De resto, trata-se de uma pintura sempre em fricção com a disciplina História da Arte e outras manifestações da atividade humana: com pedaços de imagens extraídas de uma iluminura medieval, um Goya, um Hopper ou uma amostra de estamparia japonesa, e com a reprodução das volutas de um móvel barroco.

A obra de Yuli Yamagata internaliza, da mesma maneira, conhecimentos do cinema de horror e de animações e histórias em quadrinho japonesas. Ao mesmo tempo, o campo de interesses da artista se concentra naquilo que é ultraprocessado, nas fórmulas de produção industrial de baixo custo e alto risco, baseada em aditivos químicos. Yamagata estabelece, assim, uma espécie de realidade transgênica (macia, colorida, sintética), alimentada por espigas de milho e vestida de roupas de ginástica, estampas animais e um tecido verde que é, a uma só vez, enjoado, radioativo e do *chroma key*.



DARKS MIRANDA
CICATRIZ, 2025
CERÂMICA ESMALTADA
FOTO: ESTUDIOEMOBRA



Isso para não falar no cinema de Ivan Cardoso, em que referências e apropriações se multiplicam: com a tropicália, Hélio Oiticica, Zé do Caixão, o cinema marginal brasileiro, as chanchadas da Atlântida, os gibis, Edgar Allan Poe, o jornalismo sensacionalista, a pornochanchada, a poesia concreta, o teatro de revista. Elementos diversos e contrastantes que são costurados pelo cineasta de modo lábil, deslizante, sem a atribuição de um sentido fixo ou unívoco a nenhum deles nem aos grupos que se formam aí. Uma lição parecida com a que dá o cientista Expedito Vitus, personagem do ator Wilson Grey, em *O segredo da múmia* (1982), do próprio Cardoso: "O negócio é experimentar". Para não ficar só com o que pregam os manuais.

YULI YAMAGATA
NOSFERATU, 2021
MATERIAIS DIVERSOS
COLEÇÃO ANDRÉA E JOSÉ OLYMPIO PEREIRA
FOTO: EDUARDO ORTEGA

JOSÉ AUGUSTO RIBEIRO
É curador, pesquisador e professor de cursos livres de História da Arte. Doutor e mestre em Artes pela ECA-USP, trabalhou como curador sênior da Pinacoteca de São Paulo e curador de artes visuais do Centro Cultural São Paulo.